

Podcast Meio-Fio
Projeto TraDUS
Episódio: Diversidade Territorial - Parte 01

Apresentação: Hector Sousa
Entrevista: Ana Paula Bruno
Convidado: Claudio Stenner

[VINHETA]

[Hector Sousa]: Bem vinda e bem-vindo ao podcast meio-fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável, esse podcast faz parte do projeto TraDUS, uma iniciativa para promover ações de educação urbana da Universidade Federal Rural do semiárido, a UFRS, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Regional, o MDR, por meio da Coordenação Geral de apoio à gestão Regional e Urbana, a CGDRU. Eu sou Hector Sousa e hoje conversaremos sobre diversidade territorial. Para tocar esse papo aqui comigo está a Ana Paula Bruno, parceira do projeto TraDUS pelo MDR e quem já ouviu os primeiros episódios do Meio-Fio vai lembrar da sua voz. Bem-vinda, Ana!

[Ana Paula Bruno]: Oi Hector, obrigada. Bem-vindas e bem-vindos, quem está nos ouvindo!

[Hector Sousa]: Além de mim e da Ana Paula, está aqui com a gente Cláudio Stenner, graduado em bacharelado e licenciatura em geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, e mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente ele é diretor de geociências da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Bem-vindo ao meio-fio, Cláudio!

[Cláudio Stenner]: Obrigado, obrigado pelo convite. É um prazer estar falando com vocês e com os ouvintes.

[VINHETA]

[Hector Sousa]: Antes da gente iniciar o papo eu queria que você contasse um pouco da sua trajetória aí, pros nossos ouvintes, um pouco das suas áreas de conhecimento, como você chegou até o IBGE.

[Cláudio Stenner]: Então, a geografia sempre foi uma paixão, desde quando eu era criança, gostava muito de mapa, enfim, de tentar entender os mapas, passava muito

tempo ali olhando o atlas, olhando o livro que tinha um mapa, tentando de fato compreender o que tinha ali naquele mapa, naquele território. E assim fui levando minha vida até quando fui fazer vestibular, e é o que eu vou fazer? Vou fazer geografia, sempre foi no interesse primário, e assim eu fiz a faculdade de geografia e continuei a trabalhar com geografia. Eu trabalhava inicialmente com a parte de cartografia, geoprocessamento, enfim, muito nessa área. Foi quando surgiu uma oportunidade de trabalhar no Laboratório de gestão do território, da UFRJ, com a professora Bertha Becker, que eu posso dizer que foi uma pessoa que me marcou muito, porque foi uma pessoa que eu tive a oportunidade, a honra de trabalhar quase 10 anos, e ela me ensinou uma coisa fundamental, que eu podia ter autonomia de pensamento, que eu pude olhar o mundo, entender o mundo e ter a minha visão e minha interpretação do mundo, isso para mim foi uma coisa muito marcante, muito importante. E simultaneamente alguns anos depois que comecei esse trabalho com a professora Bertha tive a oportunidade de entrar no IBGE, que foi a minha outra escola que motivou mais ainda na geografia. Dentro do IBGE eu tive a oportunidade de percorrendo o território brasileiro, de conhecer, não cada cantinho né, por que o Brasil é muito grande, mas conhecer muitos cantinhos, muitos territórios brasileiro, do país, conhecer as pessoas, conhecer os modos de vida, como é que os lugares são diferentes, eu pude entrar em contato com isso, isso sempre foi uma coisa que me alegrou muito, poder conhecer e entender os lugares, as pessoas que estão nesses lugares.

[Ana Paula Bruno]: Cláudio, super obrigada por você estar aqui com a gente é muito delicioso te ouvir, ouvir esse começo da tua história, é um começo que eu não conhecia. Te dizer que eu me identifiquei muito com a história do Atlas, eu tinha essa fixação por Atlas, mas eu também tinha fixação por, você sabe né Cláudio, eu sou arquiteta e urbanista, mas plantinha de arquitetura, eu vivia olhando a cidade os desenho, etc. Então, é um pouco o lugar onde nasce a nossa curiosidade e a nossa motivação. E a tua fala aqui você já foi passando pelo tema de hoje, que a gente vai conversar sobre diversidade territorial, você já foi falando várias coisas, e lógico que a sua experiência de ter entrado no IBGE de conhecer cada cantinho, você foi falando da particularidade de cada lugar. Então aqui a gente já tem uma certa representação regional do país, mas eu queria que você falasse um pouco mais para as pessoas que estão ouvindo a gente, sobre esse conceito sobre essa ideia de diversidade territorial. O que tem isso afinal de contas né?

[Cláudio Stenner]: Acho que é... o país, ainda mais um país de tal dimensão como o Brasil, a gente tem que lembrar que a área do Brasil é mais que o dobro do continente europeu quando se tira a Rússia, então é uma área muito grande. É de fato uma dimensão continental, então tendo toda essa superfície, toda essa área, ele é muito diverso, muito diverso. E diverso, essa diversidade a gente tem que entender sobre as suas várias dimensões. Primeiro ele é diverso do ponto de vista de suas características naturais evidentemente. Você tem diversos biomas, você tem climas diferentes, tem lugar que

neva no Brasil, tem lugar com temperatura sempre próxima de 30° o ano inteiro. Então você tem paisagem da floresta amazônica, você tem paisagens de pampa no Rio Grande do Sul, enfim é muito diferente uma região da outra do ponto de vista de paisagem natural. Da mesma maneira, a história de ocupação de cada uma das regiões como é que elas construíram socialmente também é muito diverso enquanto, por exemplo, São Paulo foi forjada por uma leva de imigrantes chegando na cidade, enfim, formando aquele caldo cultural diverso que é a metrópole de São Paulo. Agora você tem por exemplo o Acre foi forjado inicialmente por nordestinos migrando em busca da estação da seringueira, da borracha que é importante. Manaus também surge com o ciclo da borracha e cresce, tem o seu crescimento inicial e por aí vai.

O Rio de Janeiro era capital política, a muito tempo era capital política e também um porto escravista. Recife teve uma fase de domínio holandes e recebeu várias influências por conta disso. Tudo isso vai deixando marcas na característica, na forma como essas sociedades funcionam. Então o Rio de Janeiro não funciona da mesma maneira que Recife, que não funciona da mesma maneira que São Paulo, que não funciona da mesma maneira que Brasília e por aí vai. Então cada lugar, a rigor é único, cada lugar tem suas características absolutamente únicas. É... A diversidade se dá por essas características locais, vamos dizer assim, de como é cada lugar, mas também ela se dá quando você sabe como cada lugar se insere numa rede, numa rede de cidades, numa rede de lugares. Porque é muito diferente uma localidade que está inserida como um ponto importante do sistema econômico global, por exemplo que é o caso da São Paulo, ou uma cidade que tem interações muito menores, tem interação basicamente local. Um outro ponto da diversidade que eu poderia ressaltar é entender as diversas escalas, então você tem uma diversidade dentro das cidades. No Rio de Janeiro, a zona sul é diferente da zona oeste, por exemplo, Campo Grande, de Santa Cruz, pegando dentro do Rio. Qualquer cidade é assim, uma cidade enorme dentro do tecido urbano que oferece condições e oportunidades diferentes para os seus moradores, isso tem um impacto na vida real das pessoas.

Então você olha dentro de uma região, que são aquele município principal e os municípios que se situam no entorno desse município principal. O município principal ele tem características diferentes, é uma cidade muito maior, com mais serviços e tal, dos municípios do entorno, então é importante compreender essa diferença. Por exemplo, o município principal tende a ter um hospital regional, por exemplo, que as pessoas que moram nos municípios vizinhos vão buscar esse serviço no município principal, é um pólo regional, então essa é uma outra dimensão da escala. E é claro, você tem uma escala mais macro regional, no Brasil é clássica a diferença, por exemplo, nordeste e sudeste. Então esse olhar multiescalar é muito importante para compreender. Ah sim, o último aspecto, uma ponte do que eu falei lá no início se essas sociedades são diferentes, elas têm uma história diferente, importar soluções prontas de um local para outro, tende a não ser muito eficiente se você não tentar compreender se é compatível com aquele local, então o que funciona em Porto Alegre não necessariamente funciona em Sinop, enfim você

tem que entender as características locais para que as soluções tenham uma boa efetividade.

[Ana Paula Bruno]: A gente pode ter intercâmbio, mas precisa fazer sentido, né Cláudio? Dentro daquela realidade específica, então a gente tem similaridades distribuídas no território, mas a gente também tem diversidades. E aí eu queria entrar um pouco nessa história assim, compreender a diversidade territorial então entendo que o que vem de um lugar de experiência das pessoas que vivem aquelas realidades e que conhecem melhor do que ninguém as suas próprias realidades, pela experiência, pela vivência, etc, conhecimento que nenhum estudo dará, nenhum estudo substitui a experiência de estar ali mas esse olhar da experiência de quem vive, de quem conhece que atua ali naquela região naquele lugar, também bebe de outras fontes e uma dessas fontes que sempre foi referência e tem sido cada vez mais, são os estudos territoriais que vocês tem produzido no IBGE. Nos últimos anos vocês avançaram muito em vários estudos de caracterização do território que são excepcionais para a gente compreender aspectos dessa diversidade, como você falou são vários aspectos. E eu queria que você contasse pra gente, para as pessoas que estão ouvindo a gente um pouco sobre esse trabalho.

[Cláudio Stenner]: Beleza, vamos lá então. Fazendo uma ponte com o finalzinho da fala e o que a Ana Paula comentou também, no limite cada lugar é único, mas se a gente não encontrar uma forma de classificar os lugares e encontrar suas similaridades, também a gente não consegue fazer nada porque se cada lugar é único, nada serve para nada que não também não é bem assim tem muitas similaridades.

[Ana Paula Bruno]: Aí a gente que é de política pública não consegue avançar, porque a gente precisa ter alguns olhares de conjunto, vou chamar assim, para conseguir estruturar políticas e programas que façam sentido.

[Cláudio Stenner]: E eu acho que o esforço que a gente tem feito no IBGE, é justamente nesse sentido, partindo desse pressuposto que os lugares são diferentes, por esse vários aspectos que eu comentei, mas como é que a gente consegue organizar a informação e o entendimento desses lugares de modo que isso faça sentido e contribui para o entendimento do país mesmo e conseqüentemente para a construção de políticas públicas mais eficientes, mais eficazes. Então um desses trabalhos é justamente o Regiões de Influência das Cidades que é o nosso principal estudo sobre redes urbanas no Brasil.

[Hector Sousa]: O estudo Regiões de Influência das Cidades, conhecido pela sigla REGIC, mostra como as cidades se distribuem em nosso território e como elas se relacionam entre si. Mas a definição de cidades usada no REGIC vem de um outro estudo do IBGE, chamado Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas. Vamos ouvir o Cláudio:

[Cláudio Stenner]: Antes de eu entrar nesse estudo propriamente dito, eu tenho que fazer referência a um outro trabalho que é base para esse que a gente chama de REGIC, que é o apelido dele né, que é o Estudo de Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas. Por que esse estudo é importante? O REGIC, ele trata das relações entre cidades e da hierarquia urbana, mas a unidade de investigação do REGIC, vamos dizer assim, o que a gente estuda, é a cidade. Então primeiro a gente tem que entender onde estão as cidades, quais são as cidades. Ah, cidade é... toda sede do município é cidade? Então é uma visão possível, administrativa e tal. Então isso é muito óbvio no caso das metrópoles, ninguém tem muita dúvida que a grande São Paulo funciona como uma unidade, ou Rio de Janeiro, Belo Horizonte é indivisível, até um em uma imagem de satélite, identificaram 293 arranjos populacionais de todos os portes, desde São Paulo, próximo a 20 milhões de habitantes, até alguns com população de menos de 5 mil habitantes. Como é que a gente identifica isso? A gente fica olhando imagem de satélite, esse é um dos critérios, e identifica também observando o deslocamento das pessoas para trabalho, eu moro num lugar e trabalho em outro lugar e se esse movimento é muito intenso, então indica que aquela unidade funciona como uma única cidade, assim como as ruas de uma cidade, de um pedaço está em um município outro em outro município, mas se elas estão absolutamente juntas, ali também funciona como uma unidade Urbana.

[Ana Paula Bruno]: A gente tem os arranjos populacionais, que são cidades que englobam mais de um município?

[Cláudio Stenner]: Isso, isso. E tem as demais cidades que não formam arranjos populacionais.

[Ana Paula Bruno]: Que vocês chamam de municípios isolados, né?

[Cláudio Stenner]: Isso, exatamente. Então o conjunto de municípios isolados mais arranjos populacionais, formam o conjunto de cidades do país que o REGIC investiga.

[Hector Sousa]: Ufa, quanta informação. Antes de seguir adiante, vamos recapitular. Temos basicamente dois tipos de cidades de acordo com o estudo de arranjos populacionais e concentrações urbanas do IBGE. O primeiro tipo são as cidades localizadas dentro de um único município, que o IBGE chama de municípios isolados. O segundo tipo são as cidades que se estendem por mais de um município. Essas o IBGE chama de arranjos populacionais. As concentrações urbanas são o nome que o IBGE dá para as cidades mais populosas, com mais de 100 mil habitantes, independente de serem municípios isolados ou arranjos populacionais.

[Cláudio Stenner]: E por que que isso tem que ser uma prévia pro entendimento dos discursos de rede urbana? Porque simplesmente quando eu olho São Paulo, por exemplo, eu não posso entender São Paulo isolado de Guarulhos. Guarulhos não é uma unidade autônoma da sua inserção da rede urbana global. Não, faz parte daquelas cidades de São Paulo, que extrapolam o município de São Paulo e incorpora todos aqueles municípios vizinhos, que na grande maioria é absolutamente conurbado e contínuo. O aeroporto, por exemplo, de Guarulhos, não é em Guarulhos pra atender Guarulhos, ele é em Guarulhos pra atender todo o conjunto da cidade de São Paulo. Então é isso, os equipamentos e as lógicas de distribuição seguem esse entendimento, que aquilo ali é uma única cidade funcional. Então, esse é o primeiro estudo, e com esse estudo em mãos a gente consegue investigar as relações entre as cidades, e sua hierarquia dentro do sistema urbano nacional.

Como é que a gente investiga essas relações entre as cidades? Bom, a gente visita os municípios todos, a equipe do IBGE vai a campo, visitando os municípios com um questionário que pergunta sobre vários temas: educação, saúde, acesso a aeroporto, localização também de outros serviços públicos em geral, compras, etc. E qual município o cidadão daquela localidade busca esses serviços quando ele não é encontrado na própria cidade. Então ele faz isso sistemicamente, sistematicamente para todos os municípios do Brasil, então com isso a gente consegue identificar esse tipo de relacionamento mais cotidiano entre as cidade, onde que eu busco um bem ou serviço na cidade mais próxima. Então eu consigo, por exemplo, estabelecer que na cidade Y se eu instalar um Hospital Regional eu vou atender um público não só daquele município ali onde está aquela cidade, mas de, sei lá, mais 30 municípios que se localizam ao redor. Então eu consigo ter uma noção da população que vai ser atendida naquele hospital através desse estudo.

[Hector Sousa]: Tem uma questão, que você citou vários termos relacionados às cidades na sua fala né, aglomerado, cidades isoladas, metrópoles, entre tantos outros que existem. E aí me surgiu uma dúvida se é o IBGE que acaba fazendo essas classificações através dessas pesquisas, ou se vocês apenas entregam os dados e algum outro ou outros órgãos são responsáveis por fazer essas denominações?

[Cláudio Stenner]: Não, é o próprio IBGE que faz essas classificações. A gente utiliza regionalizações, tipologias, e... pra fazer classificações do território.

[Ana Paula Bruno]: Então no REGIC vai ter lá grande metrópole nacional, metrópole nacional, metrópole, e assim por diante. Isso quem estabeleceu foi o IBGE e a gente segue com essa nomenclatura, porque esses estudos são comparados no tempo né?

[Cláudio Stenner]: Isso! Exatamente! Isso. A gente desenvolve uma metodologia pra fazer essa classificação, cria essas nomenclaturas, essas classes. E acho que a Ana tocou num

ponto muito importante, que é uma preocupação do IBGE sempre, buscar te comparabilidade no tempo, por exemplo, esse estudo do REGIC, eu consigo comparar o que aconteceu em 2007, que é o estudo anterior, com o estudo de 2018. São as mesmas classes, então eu consigo entender a dinâmica do território também, o que que mudou, o que que tá acontecendo de novidade no território.

[VINHETA]

[Hector Sousa]: Queridos ouvintes, hoje vamos para o papo por aqui, mas esse não é o final dele. Essa conversa com a Ana e o Cláudio ficou tão interessante que decidimos dividir em duas partes. Então fique atento no Meio-Fio e no projeto TraDUS que em breve voltaremos com o restante desta conversa. Ah, e aproveita para seguir nosso instagram, @projetotradus com S de sustentável. Cuidem das nossas cidades e se cuidem.

[VINHETA]

[Hector Sousa]: Esse podcast foi apresentado e produzido por Hector Sousa e Ana Paula Bruno. Ele foi editado por Hector Sousa. O roteiro é uma construção coletiva. A Heloísa Diniz é a Coordenadora deste e de outros trabalhos de comunicação em mídias sociais do Projeto. Lauren Costa é a Coordenadora técnica e o Almir Mariano é o Coordenador acadêmico do Projeto TraDUS. Ela e ele são responsáveis por todas as nossas frentes de trabalho. Contamos também com o apoio valioso de alunas e alunos bolsistas para a pesquisa de conteúdos. Visitando nosso site você pode conhecer tudo o que fazemos e quem são as pessoas que trabalham no Projeto. O endereço é www.projetotradus.org.br. Nossas parceiras no Ministério do Desenvolvimento Regional são a Ana Paula Bruno, a Denise Schuler, a Fernanda Capdeville e a Raquel Furtado. Elas trabalham na Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Regional e Urbana, que é coordenada pela Laís Araújo.